



A CONCORDÂNCIA NOMINAL EM COMPOSTOS FORMADOS POR ADJETIVOS E NOMES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

CRISTINA DE SOUZA PRIM*

RESUMO

O objetivo deste *squib* é discutir como ocorre a flexão de número em compostos formados por adjetivos e nomes, partindo da hipótese de que as variações observadas no modo como os falantes pluralizam os compostos se devem a análises concorrentes, feitas pela gramática interna do falante, coexistindo na língua. Ao pôr em paralelo a flexão de número em sintagmas e em compostos formados pelas mesmas categorias, vemos que há análise ora morfológica do composto, que aponta para uma flexão no núcleo semântico do composto, ora sintática, que indica que a ordem também é chave para compreender as possibilidades flexionais atestadas. Essas diferentes análises ocorrem tanto formalmente quanto informalmente em português brasileiro. A conclusão deste trabalho é de que a flexão dos compostos está relacionada ao grau de transparência de um composto, e não apenas aos componentes internos (classes de palavras) de um composto.

Palavras-chave: flexão de número, palavra composta, Morfologia Distribuída

ABSTRACT

The goal of this *squib* is to discuss how number inflection occurs in compounds formed by adjectives and names, based on the hypothesis that the inflectional variations observed in the way speakers pluralize compounds are due to concurrent analyzes, made by the speaker's internal grammar, coexisting in the language. Comparing the number inflection in phrases and compounds formed by the same categories, we see that there is a morphological analysis of the compound, which points to a number inflection in the semantic head of the compound, but also a syntactic one, which indicates that order is also a key to understand the attested inflectional possibilities. These different analyzes take place both formally and informally in Brazilian Portuguese. This *squib* concludes that the inflection in the compounds is associated with the degree of transparency of a compound, and not only with the internal components (word classes) of a compound.

Keywords: number inflection, compound word, Distributed Morphology

* Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR. Professora do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, e-mail: cristinaprim@utfpr.edu.br.

Este *squib* tem como objetivo discutir a concordância nominal de número em compostos formados por adjetivos e nomes do português brasileiro. Partimos dos pressupostos da Morfologia Distribuída¹, que considera que as relações internas à composição são estabelecidas no componente sintático assim como os constituintes sentenciais (cf. GUEVARA; SCALISE, 2009, p. 104), para avaliarmos argumentos mencionados na literatura (MORENO, 1997, 2002; LEE, 1997) para as variações na flexão de plural dos compostos atestadas no português. Vamos focar em compostos formados apenas por [palavra+palavra] para que a comparação com estruturas contendo sintagmas fique mais clara. A seguir, um exemplo de composto N+A (exemplo (1)) e de composto A+N (exemplo (2)), com suas formas plurais possíveis no português brasileiro.²

- (1) a. carne-seca
b. carnes-seca
c. carne-secas
d. carnes-secas
- (2) a. extrema-unção
b. extremas-unção
c. extrema-unções
d. extremas-unções

Defender que os compostos são gerados na sintaxe não implica defender que estes tenham o significado composicional, mas que as operações sintáticas são igualmente motivadas, com a diferença de que compostos formam, após as relações sintáticas de *merge* (concatenar) e *move* (mover), um domínio categorial N, A ou V (Nome, Adjetivo ou Verbo), para que haja a interpretação de que há um único nó resultante dessa junção (cf. NOBREGA, 2014). A definição de compostos assumida por Nobrega (2014, p. 217) é exatamente esta: “um composto é formado quando dois ou mais núcleos complexos, em determinada relação sintática, são recategorizados por um núcleo definidor de categoria — *n*, *v* ou *a*”. A composição, assim, é um processo sistemático de expansão lexical que consiste na combinação de palavras/núcleos.

Como ponto de partida, trazemos duas diferenças básicas entre os compostos A+N e N+A: a posição do núcleo semântico e as possibilidades tipológicas dos adjetivos. Nos compostos N+A, temos ocorrência tanto de adjetivos relacionais quanto de qualificativos³;

1 Não apresentarei neste trabalho uma justificativa para a escolha desta teoria em detrimento de outras, por se tratar de um *squib*, mas remeto o leitor a discussões já feitas, por exemplo, no capítulo 2 de Medeiros (2008).

2 Chamarei de compostos N+A os que são formados por nomes+adjetivos, nesta ordem; e de compostos A+N os que são formados por adjetivo+nome, necessariamente nesta ordem.

3 Seguindo a classificação de Bosque e Picallo (1996). Os autores atribuem o nome *relacionais* aos adjetivos que sempre ocorrem pospostos ao nome, e não denotam propriedades, mas entidades. Acrescentam ainda que estes adjetivos são por vezes chamados de pseudo-adjetivos, mas também vemos em outros trabalhos que são chamados de *referenciais* ou de *não predicativos*. Em Prim (2015), discuti algumas de suas propriedades: são adjetivos que não se modificam por advérbios de grau e não aceitam a posição predicativa. Alguns exemplos: *físico nuclear*, *relógio digital*, *parque jurássico*. Os adjetivos qualificativos, por sua vez, possuem uma ou mais

em A+N, temos apenas adjetivos qualificativos, exatamente como ocorre nos sintagmas formados por nomes e adjetivos, *grosso modo*.⁴ Em relação ao núcleo, os compostos podem ser, segundo classificação de Sandmann (1990), endocêntricos ou exocêntricos. São endocêntricos aqueles que têm o significado relacionado aos significados dos seus próprios constituintes — nesse caso, há um núcleo interno ao composto que determina a sua referência. Os compostos exocêntricos, por sua vez, têm significado determinado por metáfora ou metonímia (cf. SANDMANN, 1990), o que significa que nenhuma das partes do composto é seu núcleo semântico. Os exemplos (1) e (2), apresentados anteriormente, são endocêntricos, e os compostos dos exemplos (3) e (4) são exocêntricos. Esse processo não é exclusivo da formação das palavras compostas: mesmo na formação de constituintes (exemplo (5)), nem sempre a soma dos significados das partes é o que forma o todo.

(3) amor-perfeito

(4) pão-duro

(5) a céu aberto

Ainda que assumamos que o processo de formação de palavras compostas seja sintático, precisamos reconhecer diferenças desse processo para a formação de sintagmas. Se olharmos para o que ocorre com a criação lexical, vemos que não há posicionamento variável na formação de palavras: cada componente possui lugar fixo na estrutura de formação (como atesta a agramaticalidade dos exemplos (6b) e (7b); já a sintaxe dos sintagmas possibilita alguma variação (exemplo (8)).⁵ Mencionamos que os adjetivos qualificativos ocorrem tanto em compostos A+N quanto em N+A, mas isso não indica posicionamento variável desses adjetivos, visto que ao se formar o composto só há uma posição aceitável para aqueles adjetivos: em (3), a inversão *perfeito amor* gera um sintagma, não mais uma palavra composta, assim como em (2) *unção extrema* não seria mais um composto. Uma exceção é o exemplo (9), um dos poucos casos em que encontramos um composto com posicionamento variável dentre os formados por adjetivos e nomes.

destas características: ocorrem tanto antepostos quanto pospostos ao nome, podem ser nominalizados, aceitam modificação por advérbio de grau e ocorrem na posição predicativa. Exemplos: *um administrador inteligente, um livro maravilhoso*.

4 Não há, curiosamente, compostos formados por adjetivos exclusivamente pré-nominais (como é o caso de adjetivos como *mero, pretenso, suposto*), mas essa classe é bastante restrita mesmo sintaticamente.

5 De modo geral, assume-se que, quando o adjetivo está anteposto ao nome, a leitura do adjetivo é mais específica; ou seja, quando se diz *um belíssimo trabalho*, diz-se sobre um trabalho em específico. Já em *um trabalho belíssimo* não necessariamente temos tal especificidade — pode ser um trabalho qualquer, contanto que seja belíssimo. Em minha tese (PRIM, 2015), trabalhei com as diferenças de leitura que o posicionamento do adjetivo causa em casos como este.

- (6) a. imprevisível
b. *velimprevisi

- (7) a. livre-arbítrio
b. *arbitrio-livre

- (8) a. um belíssimo trabalho
b. um trabalho belíssimo

- (9) a. livre-docência
b. docência-livre

Podemos considerar esse comportamento dos compostos esperado, dado o que ocorre com qualquer outra palavra: não há liberdade alguma de posicionamento de radicais e morfemas no interior da palavra, e o mesmo ocorre com palavras compostas. Assim, a composição se aproxima tanto da formação de palavras quanto da formação de sentenças. Até este ponto, podemos pensar que as limitações impostas aos compostos estão relacionadas à própria natureza da palavra.

Como dito, o pressuposto da Morfologia Distribuída é que os mesmos mecanismos existentes na formação de sentenças devem estar disponíveis na formação de palavras. Assim, as operações sintáticas de *merge*, *move* e *agree* (operações consideradas cruciais pela sintaxe minimalista) são as mesmas nas relações internas às palavras compostas e nos constituintes sentenciais (cf. GUEVARA; SCALISE, 2009). Em uma visão sintaticocêntrica, como é a da Morfologia Distribuída, o que resta à fonologia e à morfologia são apenas “ajustes estruturais referentes à distribuição superficial e fonológica das unidades morfossintáticas (i.e., os nós terminais)” (NOBREGA, 2014, p. 107). A Morfologia Distribuída considera a concordância como uma operação pós-sintática (cf. EMBICK; NOYER, 2004), mas, para os compostos em discussão neste trabalho (N+A e A+N), a literatura (cf., por exemplo, NOBREGA, 2014) a descreve como regras conectadas à relação gramatical presente entre os membros do composto, ou seja, à estrutura morfológica do composto (informação das classes de palavras que formam o composto). Vejamos em que termos isso difere dos sintagmas.

Lee (1997), partindo de uma teoria lexicalista, propõe que compostos podem ser lexicais ou pós-lexicais.⁶ Os compostos lexicais são sintaticamente opacos, o que explicaria a ausência de flexão no interior de certos compostos, formados por N+N, como em *rádio-relógio* e *espaçonaves*; A+A, como em *italo-brasileiro* e *socioeconômico*; ou V+N, como em *toca-discos* e *porta-voz*. Esses seriam, segundo Lee, os compostos verdadeiros. Já os compostos pós-lexicais, por sua vez, por serem formados no componente pós-lexical, são sintaticamente

⁶ Lee esclarece que a dicotomia clássica entre compostos endocêntricos e exocêntricos não tem relação com a divisão dos compostos em compostos lexicais e pós-lexicais que ele está assumindo.

transparentes, exibindo flexão, derivação, concordância interna à palavra e mesmo algumas possibilidades restritas de formação de diminutivo. Lee caracteriza os compostos pós-lexicais como “pseudo-compostos”, “palavras sintáticas reanalisadas que, conforme Di Sciullo e Williams (1987), permitem os processos morfológicos entre seus constituintes” (LEE, 1997, p. 2). Esse é o caso de todos os compostos formados por nomes e adjetivos, seja A+N, seja N+A (exemplos de (1-4), (7), (9), para retomar apenas os já citados).

Assim, para Lee, os compostos lexicais, além da opacidade, diferem dos compostos pós-lexicais por não permitirem flexão, derivação e concordância interna, pois se comportam, como dito, como uma unidade, e por isso têm morfema de plural e de diminutivo apenas na borda. Já nos pós-lexicais, por serem sintaticamente transparentes, o morfema de plural e de diminutivo ocorre no primeiro elemento do composto ou em ambos os elementos.

Lee (1997), contudo, reconhece que a distinção não é tão categórica como pode parecer, e postula que alguns compostos possuem características dos lexicais e dos pós-lexicais ao mesmo tempo. Retomando o exemplo (4) anterior, podemos dizer que *pão-duro* forma *pães-duros* (como os pós-lexicais) e deriva *pão-durinho* (como os lexicais), com derivação na borda. Lee os chama de compostos lexicalizados.

Tanto Lee (1997) quanto Nobrega (2014), portanto, mesmo sendo de linhas teóricas bastante diferentes, assumem que na formação de compostos A+N ou N+A ocorrem processos sintáticos similares ao dos sintagmas, mas isso para citar apenas dentre os trabalhos já comentados, pois há trabalhos bem anteriores, como o de Selkirk (1982), que já defendiam que (algumas) palavras compostas eram geradas na sintaxe. Vamos analisar então se os compostos de fato se comportam do mesmo modo que sintagmas no que se refere à concordância nominal.

- (10) a. cachorros-quentes
b. cachorrinhos-quentes

- (11) a. mesas-redondas
b. mesinhas-redondas

- (12) carnes-secas

Como descrito por Lee, a flexão de número ocorre tanto internamente quanto ao final da palavra composta formada por nomes e adjetivos (exemplos (10) a (12)), diferentemente do que é esperado em uma unidade morfológica, mas igualmente ao que se espera de sintagmas formados pelas mesmas unidades. Com a flexão de gênero, também temos concordância entre nomes e adjetivos (de modo mais evidente, nos exemplos (11) e (12)). E sobre a formação do diminutivo, este ocorre no interior do composto, no núcleo nominal. Nesses casos, vemos um comportamento consistente com o que foi descrito por Lee. Mas isso é a concordância padrão.

Assim como sintagmas podem não manifestar explicitamente a concordância nominal, a depender da variedade do português a que estamos nos referindo, os compostos N+A também podem. No que se refere a *sintagmas* com tais características, Costa e Figueiredo Silva (2006, p. 98) apontam que “ou o determinante ou todos os elementos pré-nominais devem exibir a morfologia de plural em português brasileiro”. Segundo Menuzzi (1994), o PB falado tem o mesmo sistema de traços (de gênero e número) do português padrão, mas a concordância de número é não uniforme em PB. O sistema não uniforme é sensível às diferentes posições dos adjetivos. Nos sintagmas, caso o determinante não esteja presente, o nome pode não se flexionar na presença de um adjetivo pré-nominal, como mostra o exemplo (13). No caso dos adjetivos pós-nominais, a preferência é pela marcação de plural nos nomes (exemplo (14)). Em outras palavras, nos sintagmas, a concordância deve se manifestar dos elementos mais altos para os mais baixos, independentemente de ser nome ou adjetivo.

- (13) a. maus aluno
b. *mau alunos

- (14) a. alunos inteligente
b. *aluno inteligentes

No caso dos compostos formados por N+A, as opções de concordância são as mesmas dos sintagmas, como mostra o exemplo (15): ou apenas o primeiro elemento se flexiona em número, ou ambos se flexionam. No entanto, nos compostos A+N, a possibilidade de não concordância marcada faz com que o adjetivo não apresente flexão -s de plural, mas o nome sim. As opções exibidas em (16) são, inclusive, atestadas pelo dicionário Houaiss como corretas.⁷ As opções em (17) diferem em termos de formalidade, sendo apenas a primeira opção a aceita pelos dicionários; por fim, a opção em (18) com flexão de número no adjetivo é menos aceitável, e a diferença desse exemplo para os demais é a derivação com o sufixo *-ista*.⁸

- (15) a. mesas-redondas
b. mesas-redonda
c. *mesa-redondas

- (16) a. livres-docentes
b. livre-docentes

7 O dicionário Houaiss eletrônico indica que a dupla marcação (*livres-docentes*) ocorre quando o composto é categorizado como nome e apenas uma marcação de plural (*livre-docentes*) quando é categorizado como adjetivo.

8 Há um peixe chamado *bandeira-paulista*, ou *paulistinha*, que se flexiona como *bandeiras-paulistas*, o que indica que o problema não é apenas o sufixo.

- (17) a. primeiros-ministros
b. primeiro-ministros
- (18) a. curta-metragistas
b. ?curtas-metragistas

O que os exemplos em (16) e (17) mostram é que há um processo reconhecidamente distinto empregado pelos falantes na concordância interna de compostos A+N e de sintagmas. A fronteira entre palavra composta e sintagma nem sempre é clara, mas há uma intuição do falante de uma possível fronteira nos casos dos compostos A+N. E o que o exemplo (18) mostra é que a discussão sobre a pluralização dos compostos não pode se reduzir apenas às classes de cada palavra do composto.

Moreno (1997) atribui a variedade das formas flexionais dos compostos a um processo de reanálise geracional, e aponta que a diversidade está relacionada aos estágios de lexicalização em que o composto se encontra. O autor não explora esse ponto, mas vale a pena pensarmos sobre isso. Vejamos a seguir apenas uma parte dessa ideia.

Para discutirmos essa hipótese de Moreno e vermos se é a informação das classes de palavras que formam o composto que determina como se flexionam as palavras compostas, observemos por um momento os compostos N+N. O segundo N pode ter um comportamento adjetival (em uma relação mais atributiva do segundo núcleo com o primeiro) ou um comportamento nominal (em uma relação que se assemelha à coordenação entre dois núcleos). No caso de *democrata-cristão*, se estivermos considerando a relação atributiva, dizemos que funcionalmente *cristão* deveria ter um comportamento de A, o que gera por essa análise a forma *democratas-cristãos*, que é considerada informal na língua. Temos análises concorrentes: *cristão* é N como classe, mas A como função. Em cada caso, a relação de núcleo do composto se modifica, como aponta Luft (1967 apud MORENO, 1997), pois podemos analisá-lo como um composto com dois núcleos coordenados ou como um composto com um núcleo e um modificador. A concordância padrão nos casos de N+N é de que apenas o primeiro elemento flexiona; no caso dos compostos N+A o padrão é de que ambos os itens apresentam flexão. Por conta da concorrência de análises, vemos flexão em ambos os elementos de N+N (como em (19)) assim como vemos também flexão apenas no primeiro elemento de N+A (como em (20)).

- (19) a. palavras-chave
b. palavras-chaves
- (20) a. dedos-duro
b. dedos-duros

No caso dos compostos N+N, como em (19), a gramática normativa, que aceita apenas a forma *palavras-chave*, analisa as classes das unidades que formam o composto, e não a unidade formada sintaticamente. No caso de N+A, a análise é da classe e também da sintaxe, visto que a ordem A+N altera a concordância. São análises concorrentes mesmo dentro do padrão culto.

No dicionário Houaiss, o critério para flexão de número está relacionado à classe de palavra do nó que o composto marcará, e não às classes das unidades que formam o composto: compostos A+N que formam adjetivo⁹ só flexionam na borda, mas compostos A+N que formam substantivos flexionam ambos os elementos. Assim, o dicionário Houaiss eletrônico atesta tanto *alemão-orientais*, se o nó formado for adjetivo, quanto *alemães-orientais*, se o nó for de um substantivo; assim como atesta tanto *alto-astrais* (adjetivo) quanto *altos-astrais* (substantivo).

No caso dos compostos A+N que formam nomes, há concordância de gênero interna, e há possibilidade de flexão de número nos dois elementos ou, informalmente, apenas no nome, mas, em alguns casos, também há a possibilidade de marcar apenas em A, ou seja, fora do núcleo semântico.

- (21) a. primeiras-dama
b. primeiras-damas
c. primeira-damas

- (22) a. extremas-unção
b. extremas-unções
c. extrema-unções

- (23) a. más-criações
b. má-criações
c. *más-criação

Ainda que a flexão de gênero seja sempre similar ao que ocorre na sintaxe, a concordância de número não é sempre coincidente: enquanto os sintagmas preferem a marcação da concordância nos primeiros elementos sempre (independentemente de ser A ou N), os compostos A+N e N+A preferem a marcação de concordância obrigatoriamente no núcleo e opcionalmente em A, e raramente aceitam apenas em A, como exibem os exemplos (21-23). E os compostos N+A aceitam melhor a concordância apenas em A do que os compostos A+N.

- (24) batalha-navais

- (25) algodão doces

- (26) escada rolantes

A concordância de gênero interna ao composto é a mesma dos sintagmas, mas, fora dele, há possibilidade de uma marcação não coincidente com o gênero do núcleo. Segundo Nobrega (2014, p. 133), os traços morfossintáticos do composto devem se diferenciar dos traços sintáticos de seus membros, nos casos de exocentricidade morfológica. É o caso de *os cascas-grossas*. Mas quando olhamos dessa forma, já estamos fora dos limites da palavra,

9 Segundo Lemle (1984, p. 105), esse mecanismo de criar nomes a partir de adjetivos só existe “porque é possível haver adjetivos ligados a nós nominais vazios sujeitos a interpretação”.

olhando para sua função como unidade sintática. Dentro do composto, há concordância de gênero e de número de *grossas* com *cascas*, e por isso não exploraremos esse ponto aqui.

Como dito, há um certo consenso de que estes compostos A+N e N+A são formados sintaticamente, mas as possibilidades de concordância ora apontam para uma análise ainda sintática, ora para uma análise morfológica. Essa variação na concordância existe mesmo dentro de uma mesma variedade do português brasileiro culto, com duas formas plurais dicionarizadas em diversos casos: *má-criações* e *más-criações*, sem diferença de função sintática; *extrema-unções*, *extremas-unções*, também sem diferentes funções sintáticas; *livre-docentes*, quando tem função de adjetivo, e *livres-docentes*, com função de substantivo. E isso nada tem a ver com o tipo dos adjetivos, visto que *maus-olhados*, *extremas-direitas* e *livres-arbítrios* só são aceitos pela norma culta com essas possibilidades de marcação da flexão de número. Mas no caso dos sintagmas, não se atesta essa variação no português culto. A flexão de gênero e de número é sempre marcada tanto no nome quanto no adjetivo, indiscutivelmente.

Retomemos a discussão feita em Moreno (1997). O autor tece uma crítica a Lee mostrando por que a concordância de plural não é um bom parâmetro para a separação dos compostos lexicais e dos pós-lexicais. Moreno (1997, 2002) argumenta que a marca de plural ocorre no núcleo semântico do composto, e desencadeia concordância interna em determinados contextos. Assim, se nos compostos A+N, o núcleo está à direita, e nos compostos N+A o núcleo está à esquerda, a concordância dos compostos se explica para os casos (10-12, 15-20) mencionados anteriormente, mas não para os casos de (21-26). Para Moreno, a hesitação dos falantes a respeito do plural dos compostos marca o caráter sintático desses compostos, e a convivência entre as diferentes formas de plural pode estar relacionada a reanálises ocorridas de uma geração para outra, como mencionado. Moreno sugere que esses compostos se formam na sintaxe, mas que regressam ao léxico como uma entrada lexical independente, num mecanismo de *loop*. O mesmo raciocínio Moreno aplica à derivação dos diminutivos: para ele, é o núcleo que carrega o sufixo de diminutivo. As variações na forma são atribuídas ao grau de lexicalização que a palavra já atingiu. Se, em relação ao diminutivo, essa descrição de comportamento dos compostos se aplica, isso não significa que é o núcleo que carrega sempre os demais sufixos. No caso de *-ista* nos exemplos (27-29) a seguir, o sufixo estabelece uma relação de escopo com o composto inteiro, e não com parte do composto.

(27) água-fortistas

(28) asa-sulistas

(29) curta-metragistas

O que os exemplos precedentes nos mostram é que *-ista* se concatena na borda tanto de compostos A+N quanto de N+A. A flexão de plural, concatenada após essa sufixação, ocorre apenas na borda da palavra resultante, independentemente de *asa-sulista* ser composto N+A e de *curta-metragista* um composto A+N. O composto então não é mais transparente? No caso dos compostos *livre-docente*, *alto-astral* e *alemão-orientais* mencionados, quando

têm função de adjetivo, não manifestam flexão de número interna, mas apenas na borda. Podemos pensar que nesse caso forma-se primeiro um composto com um nó nominal, que se junta a um adjetivo sem conteúdo morfológico e fonológico, e forma-se um adjetivo. Mas, se for assim, a concordância também não considera mais a transparência sintática desse composto. A transparência só vê uma camada da composição.

Esses exemplos nos fazem defender que é mesmo a transparência sintática o elemento determinante da flexão, pois é ela que pressupõe análise dos componentes internos, mas talvez essa transparência não explique totalmente o processo de formação da palavra composta. No exemplo (28) recém mencionado, se o falante não produz plural nos dois elementos (**asas-sulistas*), mesmo sendo um composto N+A, é porque entende-se que esse sufixo *-ista* tem escopo sobre todo o composto, e que o plural é sobre o nome nó resultante, e não sobre os elementos que formam o composto. Já em um exemplo como *cuscuz-paulista*, o sufixo tem escopo apenas sobre um dos elementos do composto, que já está afixado e categorizado no momento do *merge* de *cuscuz* com *paulista*, por isso o plural *cuscuzes-paulistas*. Mas no caso da recategorização do composto, não vemos algo tão simples assim. Ou seja, a discussão da opacidade não parece ter relação com o fato de o composto ser lexical ou pós-lexical. E, por fim, no caso do diminutivo, se este não é concatenado após a formação da palavra composta, e sim durante o processo de formação da palavra composta, e por isso consegue se unir a palavra interna, simplesmente não há razão para essa discussão aparecer quando se discute a flexão de número.

RETOMANDO...

O objetivo deste *squib* foi trazer uma discussão sobre a flexão de número em compostos formados por adjetivos e nomes. Ao compará-los a sintagmas, observamos que a concordância de gênero dos compostos é igual à dos sintagmas, mas a concordância de número não, em especial em A+N. A transparência de um composto não tem a ver só com a informação da classe das palavras que o compõem, pois a hesitação dos falantes sobre a flexão de plural mostra que a função sintática das palavras também atua na marca flexional. Assim, a flexão do sintagma se explica pela ordem, mas a do composto se explica tanto pela classe quanto pela função sintática das palavras que formam o composto. As variações de flexão nos compostos estão também relacionadas a registros de (in)formalidade, mas não apenas. Em diversos exemplos, parece haver concorrência de análises: ora a diferença de concordância é justificada pelas diferentes classes do nó (se forma adjetivo ou substantivo, como em *livre-docência*), ora não (como em *má-criação*, com dois plurais diferentes aceitos pelo dicionário Houaiss formando substantivos *má-criações*, *más-criações*). Todos esses fatores parecem indicar 1) que a hipótese de que há diversas análises concorrentes na gramática do português brasileiro para as palavras compostas é plausível, e 2) que a transparência sintática não está relacionada à discussão de o composto ser lexicalizado ou não, endocêntrico ou exocêntrico, mas ao número de camadas de composição que o falante precisa acessar. Assim, a análise das etapas de formação da palavra composta é imprescindível para entender como ocorre a flexão de número nesses casos, pois é a ela que se relaciona o grau de transparência de um composto.

REFERÊNCIAS

BORER, H. Morphology and Syntax. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. F. (ed.). *The handbook of Morphology*. Oxford/Malden, MA: Blackwell, 1998.

BOSQUE, I.; PICALLO, C. Postnominal adjectives in Spanish DPs. *Linguistics*, v. 32, p. 349-385, 1996.

COSTA, J; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Notas sobre a concordância verbal e nominal em português. *Estudos Linguísticos*, v. 35, p.95-109, 2006.

DI SCIULLO, A. M.; WILLIAMS, E. *On Definition of Word*. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, G.; REISS C. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford University Press, 2004.

GUEVARA, E.; SCALISE, S. Searching for universals in compounding. In: SCALISE, S.; BISETTO, A.; MAGNI, E. *Universals of Language Today*. Amsterdam: Springer, 2009. p. 101-128.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LEE, S-H. Sobre os compostos do PB. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 17-33, fev. 1997.

LEMLE, M. *Análise Sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática, 1984.

MEDEIROS, A. B. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MENUZZI, S. Adjectival positions inside DP. In: CREMMERS, C.; BOKBENEMA, R. (ed.). *Linguistics in the Netherlands*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 127-138.

MORENO, C. A formação dos compostos no português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 99-129, mar. 2002.

MORENO, C. *Morfologia Nominal do Português: um estudo de fonologia lexical*. 1997. Tese (Doutorado) – PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 1997.

NOBREGA, V. A. *Tópicos em Composição: Estrutura, formação e acento*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PRIM, C.de S. *A sintaxe dos adjetivos em Português Brasileiro*. 2015. 175 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2015.

SANDMANN, A. J. O Que é um Composto? *Delta*, v. 6, p. 1-18, 1990.

SELKIRK, E. *The syntax of word*. Cambridge, MA: MIT Press, 1982.

Squib recebido em 31 de março de 2020.

Squib aceito em 26 de maio de 2020.